

**Ser jovem, ser terra:
Livro de Perfis de jovens assentadas (os) e acampadas (os) do litoral sul paraibano¹**

Polyanna GOMES²

Suely , MAUX³

Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, PB

RESUMO: O Livro de Perfis “Ser jovem, ser terra” foi desenvolvido para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso no período 2015.2 para o curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Está entre seus objetivos apresentar a história e o protagonismo de jovens assentadas (os) e acampadas (os) do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) do litoral sul da Paraíba, buscando mostrar a luta pela reforma agrária a partir das vivências e experiências desses jovens, assim como, desenvolver e destacar a prática do jornalismo literário que procura inserir o profissional do jornalismo em um ambiente de realidade e subjetividade do sujeito. Partindo de entrevistas semiestruturadas, vivência de campo e observações, este Livro de Perfis oferece e apresenta, em narrativas curtas, a voz e o protagonismo de jovens sem-terra do litoral sul paraibano.

PALAVRAS-CHAVE: assentamentos; acampamentos; jovens; perfis; protagonismo.

INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), fundado em 1984, é um exemplo de movimento social que surgiu num período de intensa transformação política, quando estávamos num período de transição de uma ditadura para uma democracia. A luta pela terra permanece até hoje e traz com ela a identidade coletiva e histórica de um povo que procura ocupar seu espaço dentro da democracia, da política e da sociedade brasileira. Este trabalho mostra a concepção dessa realidade através da história de vida e do relato de jovens que vivem em acampamentos⁴ e assentamentos⁵ do MST.

A territorialização do MST perpassa pela ocupação do espaço brasileiro com o objetivo de desenvolvimento de uma reforma na política agrária do país. Fernandes (1998) traz a ocupação de um espaço como uma condição necessária para a territorialização. A articulação

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-Reportagem.

² Aluna líder e estudante do 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: polyanna.jornal@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPB, email: suellymaux@gmail.com

⁴ São considerados como cidades “de barracos de lona”, referenciando o tipo de habitação que é utilizada nessa manifestação social. Eles visam explicitar as lutas e mobilizar as questões agrárias e são construídos na área que se pretende transformar em assentamento. CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

⁵ Segundo o Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária (Incra), assentamento é um **conjunto de unidades agrícolas** independentes, instaladas onde antes existia um imóvel pertencente a um único proprietário.

de ocupação do Movimento se dá por uma migração por todo o território brasileiro, primeiro formando os acampamentos, e logo após, a luta pela conquista de um assentamento. Trabalhar com os jovens tanto de acampamentos como de assentamentos, nasceu da ideia de querer mostrar os dois lados da luta: a base e a conquista.

O trabalho foi realizado no litoral sul da Paraíba, nos acampamentos Vanderley Caixe, em Caaporã/PB e Nova Esperança em Pedras de Fogo/PB; nos assentamentos 1º de Março e Nova Vida em Pitimbu/PB, com três jovens assentados (as) e três jovens acampados (as), tendo como principal objetivo a construção deste Livro de Perfis apresentando as particularidades e individualidades das histórias desses jovens, retratando a subjetividade individual de cada um, assim como mostrando sua participação e protagonismo na luta pela reforma agrária.

As lutas agrárias eram e ainda são um caso aberto na história do país, e por isso o retrato das experiências, vivências e realidades desses jovens que compõem o Livro de Perfis, amplia a visão da sociedade para a luta de tantos camponeses pela reforma agrária. Em uma narrativa sobre as experiências pessoais, relatos e situações da vida desses jovens assentados (as) e acampados (as) do litoral sul da Paraíba, este trabalho destaca a importância do jornalismo participativo que se conecta às narrativas do personagem, mostrando que a verdadeira reportagem está no retrato e na história de cada um.

A construção desse Livro de Perfis possibilitou o relato das experiências do Movimento através do olhar do jovem sem-terra, dando ênfase à construção do espaço em que ele está inserido, suas concepções políticas, seus desafios e sonhos, e o sentido da luta, através de narrativas que se concentram em descrever, aprofundar e mostrar a realidade social de cada um deles.

Para Villas Boas (2003) o Perfil é um gênero jornalístico unido à literatura, escrito em narrativa curta e podendo focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa.

A narrativa de um perfil não pode prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além de recursos literários e outros. Mas ela também está atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir. Os perfis cumprem um papel de gerar empatias [...] Significa compartilhar alegrias e tristezas do seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. (VILLAS BOAS, 2003, p. 14)

Utilizando a dinâmica da entrevista em profundidade e semiestruturada, buscamos inserir o aprofundamento da história de vida e do retrato social dos jovens, pois, de acordo com Duarte (2006, p. 66) essas entrevistas se originam no problema e recolhem as respostas do

entrevistado a partir da sua subjetividade e da sua experiência, tratando o tema com amplitude.

OBJETIVO

Marcado pela ampliação da problematização do protagonismo juvenil dentro de assentamentos e acampamentos do MST no litoral sul da Paraíba, este Livro de Perfis teve como objetivo central apresentar em narrativas curtas, as experiências pessoais e a participação direta dos jovens dentro da luta pela reforma agrária, conhecendo as particularidades e individualidades dessa juventude.

Sodré e Ferrari (1986, p.15) afirmam que o perfil é todo texto que traz como foco a história de vida dos personagens e trabalha a subjetividade do sujeito dentro do fato apresentado, retratando a história com predominância do foco narrativo e da humanização do relato, sendo assim, um registro profundo e reflexivo da realidade apresentada.

Mostramos também que o protagonismo desses jovens revela suas concepções políticas e ideológicas acerca do Movimento, tratando de recuperar a história daqueles que já fizeram a luta. A vivência e contato direto com os entrevistados, permitiu uma significância dos valores e das atitudes desses jovens, pois, segundo Minayo (1994) quando se coloca o sujeito e a realidade ao qual ele está inserido como indissociáveis, leva-se em consideração a subjetividade e particularidade desse sujeito dentro de um universo de valores e significados.

JUSTIFICATIVA

De acordo com Fernandes (1998) a luta pela reforma agrária segue na direção da construção de novas formas de organização social que possibilitem a conquista da terra, e vai ainda à construção de novas experiências realizadas cotidianamente pelos trabalhadores rurais do Movimento Sem-Terra, em especial os jovens que estão vivendo o valor dessa histórica luta político-social. Sendo assim, o livro se justifica como uma porta aberta para mostrar a vivência e o protagonismo desses jovens à sociedade, destacando suas histórias de vida e o dia a dia da luta pela reforma agrária.

Segundo Villas Boas (2003) o perfil cumpre um papel de gerar empatias, e isso significa sentir as situações e circunstâncias vividas pelo personagem, assim como, estar conectado com a história das pessoas. A convivência e o diálogo estabelecidos no trabalho de campo mostraram que o jornalismo participante da realidade do sujeito, faz-se necessário para a construção de novos olhares e pensamentos críticos frente a alguns setores da sociedade,

neste caso, os movimentos sociais. Lago (2007) conclui que a observação participante constitui um olhar sobre o sujeito que colocará o pesquisador em contato com a realidade de determinado grupo, iniciando assim, uma observação profunda da totalidade.

A convergência do Jornalismo Etnográfico e do Jornalismo Literário abre espaço para a pesquisa e construção de um diálogo dentro do ambiente da Comunicação, assim como, amplia esse espaço para os principais setores da Universidade: a extensão, a pesquisa e o ensino. Castro (2010) descreve o Jornalismo Literário como um infinito cultural e uma via de compreensão do gênero humano, misturando informação, conhecimento e narração, que são capazes de transformar e orientar novos conhecimentos e bom senso diante da “hipercomplexidade da existência”.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O Livro de Perfis teve sua construção baseada no Jornalismo Literário, apoiando-se na história de vida do entrevistado e nas observações do ambiente onde ele estava inserido. Também teve como pilar as ferramentas jornalísticas de investigação quando se atribui a apuração das histórias com a produção de uma pauta previamente pensada como um roteiro de entrevista semiestruturada com perguntas que abordam desde a infância do personagem até sua participação em ocupações e atos do Movimento sem-terra.

Configurado também a partir de uma pesquisa etnográfica, sendo o cenário das entrevistas o ambiente onde se vive o personagem, foi possível observar e atestar as experiências e histórias construídas pelos jovens acampados (as) e assentados (as) do litoral sul paraibano.

As visitas aos acampamentos e assentamentos ocorreram em três meses (de fevereiro a abril de 2016), sendo realizadas gravações, anotações e registros fotográficos, que convergiram para a construção dos perfis deste livro. As entrevistas foram previamente marcadas em cada acampamento e assentamento onde o livro foi construído.

Os textos foram escritos paralelos às entrevistas e aprofundados mediante as visitas continuadas aos locais. Os primeiros contatos com as fontes reuniram conversas informais e observações, e na medida em que voltávamos aos acampamentos e assentamentos, assimilávamos maiores acontecimentos e estreitávamos as relações, facilitando o diálogo e a convivência. Delimitamos a idade cronológica dos jovens segundo o Estatuto da Juventude Brasileiro que define em seu parágrafo 1º que “são considerados jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (Brasil, 2013). Sendo este trabalho realizado com uma faixa etária que compreende também menores de idade, preparamos

termos de compromisso para que os responsáveis juntamente com os jovens, assinassem e autorizassem o uso da sua fala, da gravação, das anotações e da imagem.

Semanalmente foram realizadas reuniões com a professora orientadora para apresentar o que estava sendo realizado e conversar sobre o andamento da construção do livro, fortalecendo o trabalho com críticas e observações que auxiliaram todo o processo de produção do Livro de Perfis.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O Livro de Perfis “Ser jovem, ser terra” foi desenvolvido para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso do período 2015.2 para o curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O livro teve como principal objetivo apresentar o protagonismo dos jovens assentados (as) e acampados (as) do litoral sul paraibano, compreendido nas cidades de Caaporã, Pedras de Fogo e Pitimbu, que comportam os acampamentos onde o livro foi realizado: Vanderley Caixe e Nova Esperança, e os assentamentos: 1º de Março e Nova Vida.

O livro é composto de seis perfis, divididos em três jovens acampados (as) e três jovens assentados (as), sendo três mulheres e três homens. As idades dos jovens variam de 16 a 29 anos, assim como se reconfiguram os discursos, a vivência e o protagonismo de cada um deles nas duas fases da luta: assentamentos e acampamentos.

Para escolher os participantes do livro partimos do pressuposto do objetivo geral do projeto que era apresentar o protagonismo dos jovens acampados (as) e assentados (as), sendo assim, decidimos optar por entrevistar os jovens que estavam engajados na militância do Movimento.

Os registros fotográficos foram todos em preto e branco, propondo que a ausência de cores leva o leitor a imaginar o ambiente, assim como torna a percepção do leitor mais aguçada à problematização do tema e das histórias retratadas.

O livro teve sua construção finalizada em maio de 2016, contendo 76 páginas diagramado e impresso para ser apresentado a banca examinadora para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo pela UFPB, em junho de 2016.

CONSIDERAÇÕES

Realizar este trabalho nos proporcionou uma vivência na luta cotidiana de muitos trabalhadores rurais sem-terra, em especial os jovens, personagens deste livro, retratados em suas histórias e seu protagonismo dentro do Movimento. Nosso maior desafio foi encontrar

esse protagonismo, principalmente dentro dos assentamentos. Apesar disso, descobrimos que a luta pela reforma agrária é contínua e trabalhada a cada dia dentro de um coletivo.

A percepção que fica é que a união do Jornalismo Etnográfico e do Jornalismo Literário - onde exercitamos a vivência da reportagem no contato direto com a realidade do entrevistado - unido à composição da subjetividade e da totalidade do personagem nas narrativas, mostra que conseguimos, de certa forma, apresentar esse olhar do diálogo mútuo e participativo entre o entrevistador e o entrevistado.

Diante de tantas histórias, desafios e experiências dentro do universo das lutas agrárias dos acampamentos e assentamentos do litoral sul da Paraíba, percebemos que o diferencial deste trabalho foi conhecer e conviver com o cotidiano dos jovens protagonistas invisíveis às narrativas midiáticas. Os valores, a coragem, as memórias e a verdade observadas nos jovens militantes do MST, abre espaço para se pensar uma forma de jornalismo que procure informar gerando problematização e construção de pensamento mais humanizado, que produzidos pela voz e pela luta desses jovens, seja espelho de convergência para o destaque do papel da juventude na sociedade atual.

Os registros, as entrevistas e a convivência nos mostraram o lado místico da luta, assim como o lado desanimado e que descaracteriza o Movimento, mas não fere a prática de lutar pelo direito à terra. A militância jovem retratada neste livro, em sua grande maioria, é exemplo de uma construção de pensamento crítico-social, politizado e familiarizado com a história do seu país e do seu povo.

É importante destacar que a produção deste Livro de Perfis é oportunidade para expandir o jornalismo de campo, o jornalismo que escuta, que observa, que dá voz e que trabalha lado a lado com o entrevistado, cumprindo sua função de informar e contar histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Congresso Nacional. Estatuto da Juventude. Lei n.º 12.852 de 5 de agosto de 2013. Dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. **Dos Direitos e das Políticas Públicas de Juventude**, Brasília, DF, 5 ago. 2013. Disponível em: < www.mds.gov.br/cnas/legislacao/leis/arquivos/lei-12-852.../download >. Acesso em: 11 de dez. de 2015.
- CALDART, R.S. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo**. Estud. av. vol.15 no.43 São Paulo: Set./Dec. 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300016 > Acesso em: 15 out. 2015.

- CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. Acesso em: 15 out. 2015
- CASTRO, G. **Jornalismo Literário**. Brasília: Casa das Musas, 2010.
- DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (Orgs.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- FERNANDES, B.M. **A Territorialização do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – Brasil**. São Paulo, 1998. Disponível em: <
<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/1495-4357-1-PB.PDF>> Acesso em: 15 out. 2015.
- INCRA. **Acesso à Terra: Assentamentos**. Disponível em <
<http://www.incra.gov.br/assentamento> > Acesso em: 11 de dezembro de 2015.
- LAGO, C. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, C; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007. Coleção Fazer Jornalismo.
- MINAYO, M. C. de S.(Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SODRÉ, M.; FERRARI, M.H. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- VILAS BOAS, S. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.